

3

Inflação

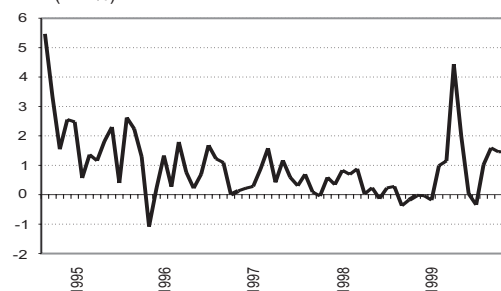
A inflação registrou um salto no terceiro trimestre do ano relativamente ao período anterior: na média dos principais índices (INPC, IGP-DI e IPC-Fipe), passou de uma média mensal de 0,15% no período abril/junho para cerca de 1% ao mês entre julho e setembro (ver Tabela 3.1). Essa mudança de patamar, em grande parte percebida como transitória, refletiu pressões específicas relacionadas à correção de preços e tarifas controlados pelo governo (principalmente combustíveis e energia elétrica) e à reversão do quadro favorável de oferta de produtos agrícolas observado no segundo trimestre. A aceleração vem

ocorrendo mais intensamente nos preços ao atacado, que têm se mantido acima de 2% ao mês desde julho. Houve recuo da inflação nos preços ao consumidor em agosto e setembro, com o fim do impacto dos aumentos de tarifas e do preço dos combustíveis. Ao longo de outubro, a inflação tem se mantido pressionada, dessa feita pelo impacto sazonal dos preços de produtos importantes ligados à alimentação, como as carnes e o feijão, e, em menor medida, por um novo *overshooting* da taxa de câmbio.

O efeito dos preços administrados pelo governo sobre a inflação do terceiro trimestre pode ser melhor avaliado com o auxílio da Tabela 3.3, que desagrega o índice da Fipe segundo grupos que refletem diferentes regimes de

IPEA
BOLETIM
CONJUNTURAL
Nº 47
OUTUBRO/99

GRÁFICO 3.1
TAXA MENSAL DE INFLAÇÃO - IGP-DI
(EM %)



Fonte: FGV/lbre. Elaboração: IPEA-DIMAC.

TABELA 3.1

PRINCIPAIS ÍNDICES DE PREÇOS - 1999

TAXA DE VARIAÇÃO MENSAL E ACUMULADA EM 12 MESES (EM %)

ÍNDICE	INSTITUIÇÃO	ACUMULADA EM JUN. 99	JUL. 99	AGO. 99	SET. 99	ACUMULADA EM SET. 99
INPC	IBGE	3,10	0,74	0,55	0,39	5,99
IPC-SP	FIPE/USP	-0,50	1,09	0,74	0,91	4,77
IGP-DI	FGV	8,68	1,59	1,45	1,47	14,32
MÉDIA	-	3,69	1,14	0,91	0,92	8,28

Elaboração: IPEA/DIMAC.

TABELA 3.2

ÍNDICE DE PREÇOS NO ATACADO - 1999

TAXA DE VARIAÇÃO MENSAL E ACUMULADA EM 12 MESES (EM %)

DISCRIMINAÇÃO	ACUMULADA EM JUN. 99	JUL. 99	AGO. 99	SET. 99	ACUMULADA EM SET. 99
Disponibilidade interna	12,82	2,03	2,15	2,30	21,00
Bens de consumo	11,21	1,41	1,22	1,06	16,50
Duráveis	12,83	0,05	-0,69	-0,29	12,37
Utilidades domésticas	15,62	-0,18	-1,54	-1,08	13,10
Outros	8,32	0,46	0,79	1,07	11,22
Não-Duráveis	10,80	1,65	1,56	1,30	17,10
Gêneros Alimentícios	9,72	0,43	1,78	1,38	15,04
Bens de Produção	13,62	2,34	2,61	2,90	23,27
Oferta Global	12,82	2,03	2,15	2,30	21,00
Produtos Agrícolas	11,49	1,53	2,15	2,83	19,17
Produtos Industriais	13,31	2,26	2,15	2,06	21,72
Indústria de Transformação	12,74	2,09	2,17	1,94	20,82

Fonte: FGV/lbre. Elaboração: IPEA/DIMAC.

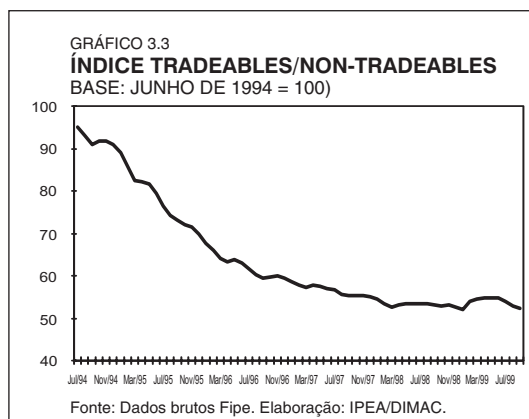
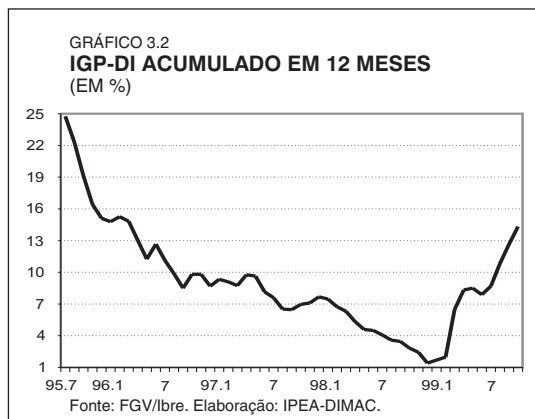


TABELA 3.3

IPC-FIPE: VARIAÇÃO NOMINAL E "REAL" POR GRUPOS DE PRODUTOS

GRUPOS E ITENS	PESO	ACUMULADO 98		1º TRIM. 99		2º TRIM. 99		3º TRIM. 99	
		NOMINAL (%)	"REAL" (%)	NOMINAL (%)	"REAL" (%)	NOMINAL (%)	"REAL" (%)	NOMINAL (%)	"REAL" (%)
ÍNDICE GERAL	100,00	-1,80	0,00	2,49	0,00	0,02	0,00	2,77	0,00
1. COMPETITIVOS	28,26	-2,64	-0,86	1,19	-1,27	-0,59	-0,61	0,94	-1,78
2. ADMINISTRADOS	21,27	0,32	2,16	3,67	1,15	0,55	0,53	11,50	8,49
3. OLIGOPOLISTA	31,08	-3,90	-2,14	4,41	1,87	-0,03	-0,05	0,36	-2,35
4. SERVIÇOS	19,39	0,62	2,46	0,09	-2,34	0,41	0,39	0,19	-2,51

Fonte: Dados brutos da Fipe. Obs.: "real" = deflacionado pelo índice geral. Elaboração: IPEA/DIMAC.

formação de preços. Para uma variação acumulada do índice geral de 2,8% no trimestre, os preços administrados registraram crescimento de 11,5% no período. A trajetória dos aumentos, no entanto, foi decrescente, com o impacto mais forte sendo sentido em julho, pelo efeito da energia elétrica e dos combustíveis, declinando a partir de então até setembro.

Nos serviços públicos ligados à habitação (variação de 14,8% no trimestre), destacam-se os aumentos acumulados de 20,2% na energia elétrica, de 16,2% nos serviços de água e esgoto e de 13,4% no gás de botijão. No grupo "transportes", os combustíveis influenciaram decisivamente os 16,4% de aumento em "manutenção do veículo" através de variações de 18,7% na gasolina e 14,2% no álcool. Os aumentos observados nos derivados de petróleo obedecem à necessidade de adequar o preço doméstico ao preço internacional, de modo a compensar tanto a desvalorização cambial quanto a elevação dos preços do petróleo no mercado externo. De modo geral, contudo, não se esperam novos aumentos nos próximos meses, seja de combustíveis, seja de serviços públicos.

Destaca-se ainda, nessa análise, a contribuição do grupo "serviços" para a manutenção da inflação em patamar relativamente baixo para o tamanho da desvalorização cambial ocorrida. Enquanto o índice da Fipe acumula desde o início do ano variação de 5,4%, os preços de serviços, responsáveis por quase 20% do índice, registram crescimento de apenas 0,7% no acumulado do ano. Os produtos cujos preços são determinados em mercados competitivos — basicamente alimentação e vestuário — registraram variação de 1,5% no acumulado do ano, embora a expectativa seja de que neste último trimestre já se

observe um crescimento mais forte devido à combinação de pressões tanto nos alimentos (entressafra) quanto no vestuário (coleção de verão).

A aceleração da inflação no terceiro trimestre refletiu também pressões em nível de produtor, conforme registrado no comportamento do IPA-DI, que apresentou variação média mensal de 2,16% no trimestre julho/setembro, contra uma média mensal de 0,06% no trimestre anterior (Tabela 3.2). Parte delas deriva de uma reversão nos preços internacionais de *commodities* específicas, como por exemplo o açúcar, a soja, o cobre e o alumínio, com crescimento de 78%, 27%, 32% e 34%, respectivamente, em relação ao ponto mais baixo observado em momentos distintos da primeira metade do ano.¹ Outras refletem diretamente, ainda que com defasagem, o impacto das elevações nas tarifas públicas, especialmente energia. Observa-se assim que as maiores variações dentro do IPA no terceiro trimestre do ano ocorreram nos bens de produção (variação média mensal de 2,6%), em especial nas matérias-primas, com variação média mensal de 2,8%. Em menor medida, devido ao impacto dos preços dos alimentos, foram também afetados os preços dos bens de consumo não-duráveis (1,5% de variação média mensal). No trimestre abril/junho, as maiores variações haviam ficado com os bens de consumo duráveis, como parte do processo de repasse da variação cambial para os preços dos bens finais.

O terceiro trimestre vem também registrando um repique dos preços agrícolas bem mais forte do que o esperado. No segundo trimestre, os produtos agrícolas apresentaram variação média mensal de -1,7%, enquanto no período julho/setembro essa média passou a +2,2%. Além

¹ As cotações internacionais mínimas ocorrem em 28/4 para o açúcar, 8/7 para a soja, 28/5 para o cobre e 4/3 para o alumínio. Ver Nota Técnica neste Boletim, sobre o comportamento recente e tendências dos preços de *commodities* no mercado internacional.

do efeito já mencionado de uma recuperação de preços internacionais, esse comportamento reflete também o rigor da entressafra, que castigou a produção de feijão (que apresentou variação acumulada superior a 30% no trimestre) e vem afetando a oferta de carne no mercado (16% de variação acumulada no trimestre). Vale registrar que também os produtos industriais, na composição do IPA-OG, apresentam um aumento expressivo das taxas médias de variação mensal, passando de 0,9% no segundo trimestre para 2,2% no terceiro.

A principal preocupação na área dos preços reside na combinação de uma taxa de câmbio real subvalorizada com uma demanda que começa a ganhar fôlego e que tende a se acelerar nos próximos meses. Dados parciais relativos a outubro mostram que as pressões vêm se sustentando — com o IGP-M apontando para uma variação em torno de 1,5% pelo quarto mês consecutivo, e com o índice da Fipe registrando na segunda quadrissemana variação de 1,1%. Essas trajetórias não devem colocar em ris-

co a meta de inflação perseguida pelo Banco Central para este ano, até mesmo porque o IPCA tem registrado comportamento menos volátil que os demais índices (Tabela 3.4), acumulando no ano, até setembro, variação de 6%, para uma meta de 8%. As expectativas de mercado, conforme informações divulgadas pelo Banco Central, ainda são de que o IPCA deve fechar o ano com variação em torno de 7,8%, abaixo portanto da meta.

No entanto, a manutenção do câmbio em patamar elevado pode gerar uma segunda rodada de repasses aos preços domésticos, depois daquela observada em fevereiro e março. Sua magnitude seria certamente menor, já que a desvalorização *adicional* estaria na casa dos 15%, contra uma desvalorização de 45% no início do ano, mas ela ocorreria num contexto em que a contribuição a ser dada pelos produtos agrícolas, no sentido de neutralizar a pressão, tende a ser bem menor do que a observada neste ano, entre outros motivos pelo fato de que os preços internacionais estarão em trajetória de recuperação.

TABELA 3.4

ÍNDICE NACIONAL DE PREÇOS AO CONSUMIDOR AMPLIADO - 1999

TAXA DE VARIAÇÃO MENSAL E ACUMULADA (%)

	JUL/99	AGO/99	SET/99	ACUMULADO	
				ANO	12 MESES
ÍNDICE GERAL	1,09	0,56	0,31	6,01	6,25
ALIMENTAÇÃO E BEBIDAS	-0,24	0,13	0,34	3,37	2,98
HABITAÇÃO	1,21	0,84	0,20	5,21	5,37
ARTIGOS DE RESIDÊNCIA	0,08	0,08	0,13	6,09	4,61
VESTUÁRIO	0,47	-0,12	0,35	1,76	3,11
TRANSPORTES	3,91	1,41	0,55	13,97	14,50
SAÚDE E CUIDADOS PESSOAIS	0,42	0,93	0,69	7,77	8,70
DESPESAS PESSOAIS	0,03	-0,13	-0,09	2,04	2,33
EDUCAÇÃO	0,47	0,40	0,07	3,33	4,92
COMUNICAÇÃO	6,52	0,00	-0,24	9,38	9,38

Fonte: IBGE. Elaboração: IPEA/DIMAC.

TABELA 3.5

ÍNDICE DE PREÇOS AO CONSUMIDOR DA FIPE

VARIAÇÃO TRIMESTRAL

TRIMESTRES	TRADEABLE(A)	NON-TREADABLE(B)	(B)/(A)
1995.IV	1,47	6,42	4,88
1996.I	-1,88	7,03	9,08
II	3,58	5,29	1,65
III	-1,05	4,60	5,71
IV	1,05	1,13	0,08
1997.I	-0,47	3,43	3,92
II	2,45	2,82	0,36
III	-2,15	0,91	3,13
IV	0,94	1,70	0,75
1998.I	-2,16	1,91	4,16
II	2,11	0,56	-1,52
III	-2,88	-1,94	0,97
IV	-0,98	-0,08	0,91
1999. I	5,81	2,13	-3,48
II	0,21	-0,17	-0,38
III	0,54	5,06	4,50

Fonte: IPC-Fipe. Elaboração: IPEA/DIMAC.